

## RESENHA

### RUBEM ALVES E “AS CONVERSAS SOBRE EDUCAÇÃO”

Esp. Hécio Balbino dos Santos<sup>1</sup>

Centro Universitário do Planalto de Araxá - Uniaraxá

Jociene Ferreira<sup>2</sup>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Em julho de 2014, mais precisamente no dia 19, perdemos um grande escritor e educador: Rubem Alves, que morreu aos 80 anos, vítima de falência múltipla dos órgãos, no Hospital Centro Médico de Campinas. Dentre as várias contribuições do escritor na área educacional, elegemos “Conversas sobre Educação” como tema de discussão e reflexão para o presente texto, como forma de homenageá-lo e para os que não o conhecem a fundo poderem ter a oportunidade de vivenciar um pouco dessa grande obra de um autor que ficará para sempre na memória dos educadores brasileiros.

Quando se discute sobre a temática educação, muitas, amplas e, por vezes, contraditórias, são as formas de pensar e de se fazer educação. Aliás, fazer educação nem sempre é coerente com falar e pensar sobre educação. Não raro, os discursos e as práticas pedagógicas destoam do cerne da educação: a aprendizagem a partir das experiências e dos conteúdos realmente com sentido para a vida. E é justamente sobre essa relação que Rubem Alves nos chama para algumas “conversas sobre educação”.

Quando os educadores discutem sobre educação, por alguns momentos, parecem uma manada de bois desenfreada e sem objetivo concreto. Pelo simples fato de que uma ideia nos chama a atenção, buscamos-la mais pelo modismo do que pela essência. Sob outras vestes, vangloriam-se do saber acadêmico, discutindo e lançando metodologias miraculosas, sem, no entanto, conseguir fazer o compreensível, pelo entendimento do próprio objeto inteligível. Os dois bois são a verdade crítica e o “veneno”, apresentados no livro “Conversas sobre Educação”. Aos críticos e humildes, o deleite; aos acomodados e detentores da verdade e do conhecimento, a aversão.

---

<sup>1</sup> Professor do Curso de Fisioterapia do Centro Universitário do Planalto de Araxá (Uniaraxá); especialista em Esportes e Atividades Físicas para Pessoa com Deficiência pela UFJF e aluno do Curso de Pós-graduação *Lato-Sensu* em Docência Universitária do Uniaraxá. E-mail: helciosantos@uniaraxa.edu.br

<sup>2</sup> Professora do Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Docência Universitária do Uniaraxá e do Curso de Engenharia Civil do IFSP (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo); Doutora em Educação pela UFU; mestre em Comunicação, jornalista e licenciada em Letras. E-mail: jocienebf@gmail.com

Rubem Alves lança mão de uma das suas maiores virtudes: a capacidade de observar. Essa qualidade de entremear comportamentos, ambientes e relações pessoais dita no processo de educação sob seus mais variados prismas. Quando tudo não parece ter sentido, o universo observacional nos evidencia que, ao contrário, tudo se completa. Desde “crianças e coisas”, “moluscos e outras coisas”, “escolas e alunos”, “professores e alunos”, “coisas que se ensinam”, isso e “muito mais”...

Este livro não é um “receituário profícuo” ou uma profecia de certezas pedagógicas. Não é um tratado sobre como se ensinar nem como aprender. É uma leitura crítica do pragmatismo educacional, do que a escola faz e que muito se difere daquilo a que se propõe. A escola é vista como um lugar “onde se constroem sonhos”, e a educação é o alicerce no sonho de construir “uma grande casa” chamada país. Por isso muitos têm necessidade de sonhar o mesmo sonho.

As histórias e as estórias contidas nesta obra só têm sentido quando se transporta a educação para a construção de um mundo mais vivo de alma e de respeito entre nós. Não existem manuais coesos e coerentes com aquilo que se põe em discussão e se transporta para a sala de aula. São apenas relações que são construídas em dadas circunstâncias, mas que devem ser profundas para mudar nossa realidade e o pensamento crítico de uma sociedade.

Sob essa ótica, Rubem Alves cita exemplos de autores como Nietzsche até pessoas de menos expressão de títulos, mas sábias em relação à vida. Para ele, tudo começa com o ato de instigar e de aprender com as crianças, conforme encerrado na primeira seção – “Sobre crianças e coisas mais”. A criança tem uma importante e eloquente característica para aprender: a chamada curiosidade. Por ela, elabora perguntas que buscam, por consequência, respostas, que podem ser diferentes e levar a processos também diferentes. Assim se abre um mundo novo e quebram-se paradigmas. Nesse contexto, o educador tem a necessidade gritante de aprender com a criança, de perguntar curiosamente como criança, de poeticamente ser criança, de provocar *coceiras nas ideias*. A incógnita de andar na contramão é o que pode trazer as perguntas mais instigantes, inclusive na educação, já que ela acontece a todo o momento, em todo lugar e com todo mundo.

Na segunda seção – “Sobre moluscos e coisas mais” – o autor compara a capacidade desse animal, ainda que com um corpo mole e frágil, de construir uma concha geometricamente perfeita para protegê-lo. Assim, o homem é semelhante. A educação é uma forma de criarmos nossas “conchas” melhoradas. Para isso, precisamos instruir literalmente o

pensamento e deixá-lo ter asas para se libertar de uma prisão chamada programas curriculares, daquilo que é metódico sob a égide curricular. Daquilo que circunscrita, delimita e marca limites da fronteira da educação. O aluno precisa experimentar, e o professor, “ensinar o que não se aprende”, seja com moluscos, pessoas ou com ambos.

Esse processo é contínuo e infinito. Tudo se metamorfoseia com o aval do tempo, tudo fascina quando não é obvio, mas é simples. Assim, na terceira seção – “Sobre escolas, alunos e outras coisas” – o autor nos expõe que as escolas “violentam” a capacidade de pensar dos alunos quando focam apenas no conhecimento necessário para um vestibular, em contramão a uma questão de sabedoria. Não se almeja a aprendizagem como um processo mais que lógico, e sim *vital*, conforme defende Piaget. As relações ficam na superficialidade, não atingem o centro: o aluno. Conversa-se muito sobre metodologias, didáticas, provas, reprovação e coisas mais... Mas onde se encaixam as perguntas, a curiosidade, o novo, o provocador, o inusitado, enfim, o aprendizado para a vida? Não é a escola uma ferramenta justamente para isso?

Essa infundável discussão também merece outros atores: os pais. Onde, como e quando interferem na educação dos seus filhos? Essa é a temática da quarta seção – “Sobre pais, professores e tudo mais”. Entender o aluno, o filho como único em sua essência e nas qualidades e defeitos é uma condição humana. Despejar um balde de inutilidades acadêmicas ou “dar a forma” - entenda-se *formar* - é tolher a capacidade de pensar, de agir e de refletir sobre nosso papel no mundo, em minha casa, em minha cabeça. Nem todo mundo pode “gostar de queijo”, não é verdade? Isso é papel de todos nós: família, pais e professores.

“Sobre coisas que se ensinam e etc.” – quinta seção – é um reflexo de toda essa relação. Assim, o autor convida a educação a provocar e aguçar os sentidos. As sensações trazem novos aprendizados, correlacionam experiências, armazenam as sutilidades únicas e indeléveis da experimentação. Qual ser humano não quer ter suas experiências? Qual não se deleita com a vivência? Quem não se exalta com a descoberta? Ou será que nos foi retirado esse direito de experimentar para saber se gosto ou não?

Assim também acontece na educação. Então, das coisas mais desacreditadas, aparentemente irrelevantes, dos incríveis moluscos, das fascinantes cebolas até as pipocas ou os piruás, tudo está envolvido e é educação. Algo inacabado, sem receita, mutável, questionável, discutível e tantos outros adjetivos, bons ou ruins, mas que é o que move o mundo, hoje e sempre. Por isso, professores, pais, alunos, sociedade, todos somos constantemente convocados a ter “Conversas sobre Educação”.

## REFERÊNCIA

ALVES, R. **Conversas sobre educação**. Campinas: Verus, 2010.